MARATONA ARTÍSTICA

INFÂNCIA E EXPERIÊNCIAS CRIATIVAS

NO MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE [MESC - UDESC]

ORGANIZAÇÃO:
Keila Cristina Arruda Villamayor Gonzalez
Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva
Priscila Costa Oliveira

2025

MARATONA ARTÍSTICA

INFÂNCIA E EXPERIÊNCIAS CRIATIVAS

NO MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE [MESC - UDESC]

ORGANIZAÇÃO:
Keila Cristina Arruda Villamayor Gonzalez
Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva
Priscila Costa Oliveira

ASSOCIAÇÃO de ARTE EDUCADORES de SANTA CATARINA

© MESC - Museu da Escola Catarinense, 2005

Organização Keila Cristina Arruda Villamayor Gonzalez
Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva
Priscila Costa Oliveira

Projeto Gráfico Priscila Costa Oliveira

Núcleo Educativo Vitor Lemos
Sofia Cavalheiro
Matheus Miguel Cavagnoli

Apoio Beatriz Weckerle de Paula
Maria Clara Machado
Hugo Seraphin Braga de Oliveira Pereira Schäfer

Dados Internacionais de Catalogação na Públicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Maratona artística [livro eletrônico] : infância e experiências criativas no Museu da Escola Catarinense [MESC - UDESC] / Organização Keila Cristina Arruda Villamayor Gonzalez, Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, Priscila Costa Oliveira. – 1. ed. – Florianópolis, SC: Editora AAESC, 2025.

ISBN: 978-65-88730-26-3

Educação 2. Infância - Estudos interculturais 3. Museus - Aspectos educacionais 4. Museu da Escola Catarinense (MESC-UDESC) Museus - Conservação - Métodos I. Gonzalez, Keila Cristina Arruda Villamayior. II. Silva, Maria Cristina da Rosa Fonseca da. III. Oliveira, Priscila Costa.

25-314342.0 **CDD-370.733**

Índice para catálogo sistemático:

1.Museus e aruivos : Prática de ensino: Educação

370.733

08

UM MUSEU SOCIAL PRECISA DE CRIANÇAS!

Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva

15

MUSEU É LUGAR DE CRIANÇA?

Keila Cristina Arruda Villamayor Gonzalez

18

O MUSEU COMO TERRITÓRIO INSURGENTE DAS INFÂNCIAS

Priscila Costa Oliveira

21

MARATONA ARTÍSTICA INFANTO JUVENIL MESC-UDESC: REFLEXÃO SOBRE A FUNÇÃO SOCIAL DE UM MUSEU

Sofia Cavalheiro

23

ARTE E IMAGINAÇÃO EM TRAMA: ENSAIO SOBRE AS PRÁTICAS DE TECELAGEM E BORDADO COM CRIANÇAS

Emiliana Pagalday Fernández

29

INTERESCOLAR: UMA PEÇA TEATRAL SOBRE A ESCOLA NO MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE

Júlia Fernandes Lacerda e Túlio Fernandes Silveira

35

EXPERIMENTOS CRIATIVOS EM ARTES CIRCENSES

Tomás Bueno e Tuanny dos Santos

39

REFLEXÕES SOBRE A OFICINA DE INICIAÇÃO TEATRAL COM CRIANÇAS

Isabeli Carmo

43

SEMIÓTICA, COLETIVIDADE E CRIATIVIDADE: BREVE ANÁLISE DE COMO AS CRIANÇAS TRANSFORMAM SENTIMENTOS EM SÍMBOLOS VISUAIS

Hugo Horácio Duarte

49

HALL - ESPAÇO BRINCANTE

53

PERCURSOS:
O ÚLTIMO VOO DE UM MENINO

Poeira Grupo de Teatro

57

CONCERTO SHOW:
CADÊ MINHA CRIANÇA EM MIM?

Bruna Hedler

61

INTERESCOLAR

Júlia Fernandes Lacerda e Túlio Fernandes Silveira

65

INICIAÇÃO TEATRAL PARA CRIANÇAS

Isabeli Carmo

70

IMAGINAÇÃO: EXPERIMENTOS CRIATIVOS EM ARTES CIRCENSES

Tom Bueno e Tuka Santos

74

ARTE E IMAGINAÇÃO EM TRAMA: TECELAGEM E BORDADO

Emiliana Pagalday Fernández

80

TRAMA: BRINCADEIRAS COM DANÇA, TECIDOS E SUSTENTABILIDADE

Adriana Barreto

85

TECIDOS COLETIVOS [CARIMBOS ADINKRAS]

Hugo Horário

90

ECOS DA ILHA: REMONTANDO A HISTÓRIA MUSICAL DE FLORIANÓPOLIS EM UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL

Julio Roldão

UM MUSEU SOCIAL PRECISA DE CRIANÇAS!

O Museu da Escola Catarinense, situado no Centro Histórico da cidade de Florianópolis, é um museu universitário criado em 16 de novembro de 1992 a partir de um projeto de extensão da professora Maria da Graça Machado Vandresen do Centro de Ciências da Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, antiga Faculdade de Educação, FAED. No entanto, ele passa a funcionar no prédio atual a partir de 2007. Mas a vocação pedagógica do prédio é muito anterior, pois a construção se deu entre os anos de 1904 e 1926, para abrigar a Escola Normal Catharinense, que foi criada no ano de 1892 e passou a ocupar o prédio do MESC em 1926. A partir de uma reforma educacional a Escola Normal Catharinense, passa a se chamar no ano de 1935 Colégio de Educação e em 1947 passa a se chamar Colégio Estadual Dias Velho, um dos primeiros ginásios públicos e gratuitos do estado de Santa Catarina.

No início da década de 1960, por volta de 1963 o colégio se transfere para as instalações modernas do atual Instituto Estadual de Educação. Já em 1964, o prédio passa a abrigar a primeira Faculdade de Educação brasileira, até ser entregue para a UDESC. A Faculdade de Educação, funcionou até 2007

neste espaço. No ano de 2007 inicia a transferência da FAED para o Campus I da UDESC com novas e melhores acomodações[1].

Nos seus 33 anos de existência o MESC consolidou-se como um espaço de coleta, guarda e preservação de seu acervo, dotado basicamente com elementos do cotidiano escolar do século XX. Chama atenção a coleção de Móveis da Marca Cimo, que nos mostra a solidez de uma escola do passado se comparada com a fragilidade do mobiliário atual. Essa relação passado presente também evidencia um conjunto de contradições já narradas, mas, também deixa lacunas do que há por desvelar mostrando outros modelos de escola.

Além de um espaço de preservação do acervo, o MESC é um espaço cultural de divulgação das artes visuais, música, teatro e literatura. É palco de múltiplos eventos, de uma galeria de arte e um espaço experimental para realçar os debates acerca da diversidade, da educação pública, da participação popular e da produção de ensino, pesquisa e extensão. Em 2024, sob nova gestão o MESC se reconfigura, garantindo as atividades já desenvolvidas, mas ampliando sua atuação na perspectiva de um museu social. Um museu conectado com as várias cidades de Florianópolis, suas políticas, suas culturas e seus participantes.

Não podemos desconsiderar que o MESC está situado no Centro Leste, um espaço de resistência que foi se consolidando nos últimos anos, reunindo, bares, restaurantes, 2 museus e um grupo de lojas comerciais na sua volta, além de moradores que escolheram o centro da cidade para morar. Neste contexto a atuação como um museu social visa criar projetos colaborativos que possam tratar com dignidade a diversidade ao seu redor. Um movimento que exige atitude, investimento e trabalho colaborativo.

[1]Dados coletados no Livro Mesc de bolso: Museu da Escola Catarinense. Org. Makowieck, S. GOUDART, B. PETRY, E. E CANTO, F. Florianópolis: Dioesc, 2016.

No meio então desse rico universo a coordenação do MESC na gestão 2024/2028, vislumbrou a carência de projetos para crianças, um museu que se adequasse as necessidades dos pequenos e pudesse recebê-los e formar novos públicos para interagirem com nossos projetos museais. Como aponta Schmidt (2019, p.139)[2] as crianças são sujeitos de direitos culturais. “Primeiramente, com base na legislação: ainda que esta consideração seja recente, hoje a infância é legalmente considerada como categoria prioritária para a efetivação de direitos, inclusive relativos à cultura”.

Foi assim, que em novembro de 2024, lançamos o edital Maratona artística infanto-juvenil no MESC-UDESC, que selecionou artistas, oficineiros e uma educadora para conduzir a atividade de oficinas para crianças no período de férias. As atividades reuniram por volta de 968 crianças participantes principalmente no mês de janeiro, haja vista que em fevereiro contamos com o início das aulas e tivemos uma diminuição da frequência nas atividades.

A maratona contou com a participação de 3 espetáculos artísticos. A apresentação Teatral de Luan Renato Telles com o espetáculo, “Percursos: o último voo de um menino, trabalho do Poeira Grupo de Teatro. Igualmente, Julia Fernandes coordenou o espetáculo, “interescolar”. Ambas as apresentações buscaram por meio da linguagem do teatro expressar os diferentes recortes com o cotidiano, a ludicidade e as problemáticas do universo das crianças. Tivemos a apresentação musical, proposta por Bruna Hedler intitulada de “Minha Criança em mim”, concerto show que, além da musicalidade, possibilitou acessibilidade para os participantes. O espetáculo estimulou famílias e crianças a buscarem por meio da música e uma diversidade de instrumentos, a criança que existe dentro de cada um. Bastante interativa a proposta

[2] SCHMIDT, Flora Bazo. **Crianças pequenas e museus**: mapeamento e análise das produções acadêmicas acerca da relação entre museus e crianças de zero a seis anos. Dissertação de mestrado, PPGE-UDESC. Florianópolis, SC. 2019.

garantiu a animação do público e uma atividade corporal intensa que envolveu toda a plateia.

Já as oficinas foram propostas nas diferentes áreas: Artes Visuais, Artes Cênicas, Música, Circo e Cultura Popular. A Oficina Arte e Imaginação em trama tecelagem e bordado, ministrada pela professora mestre Emiliana Pagalday Fernández, possibilitou o entrosamento das crianças com o universo da linha, da trama, do fio que conduz a uma diversidade de experiências, possibilitou às crianças um encantamento com o processo de tecer.

A oficina de Música, "Ecos da Ilha, experimentando a musicalidade da Grande Florianópolis", foi ministrada pelo professor Júlio Roldão que propiciou aos participantes o desenvolvimento de sua musicalidade. A produção do som com diversos materiais e instrumentos, foi a mola propulsora da atividade. Também as oficinas de Artes Cénicas ministradas pela professora Adriana Barreto, intitulada "Trama: brincadeiras com dança, tecidos e sustentabilidade", transitou por todo o museu com seus tecidos e cores, gestos e boas gargalhadas.

Outra oficina de "Iniciação Teatral para crianças" foi ministrada por Isabeli do Carmo. A atividade de iniciação estabeleceu jogos e atividades criativas para crianças a partir do teatro. Também a oficina "Imaginação: experimentos criativos em artes circenses, ministrada pelo artista e professor Tomás de Azevedo Bueno, trouxe a alegria e a dinamicidade do circo para o museu! Hoje é dia de circo, movimento, corporeidade e muita ação envolvendo os pequenos. Também a oficina de Cultura Popular, Tecidos Coletivos [Carimbos Adrinkas], ministrada pelo professor e designer Hugo Horácio, foi mais um movimento de ampliação do repertório. Todos, na busca por compreender o universo da simbologia Adrinkas e de grafar seus percursos no tecido. Muito envolvimento de todos os oficineiros na relação e cuidado com

possibilitando momentos de expressão e reflexão sobre o processo artístico cultural em acontecimento.

Cabe destacar que as relações que se estabeleceram entre as crianças, oficineiros, bolsistas do museu, coordenadoras: Priscila Costa Oliveira e Keila Gonzalez e o espaço do MESC foi muito rica, pois possibilitou problematizações acerca do campo das artes, da corporeidade, das brincadeiras e da cultura popular e um diálogo com o acervo e o próprio espaço físico do MESC. Um universo de interações por meio da brincadeira aliando aprendizagem e desenvolvimento.

> Com base em Elkonin (1998), compreendemos a atividade lúdica como uma forma particular de atividade social historicamente forjada pelos seres humanos, que tem como característica geral a reconstituição não utilitária das relações humano-sociais (funções, tarefas e normas) por meio de uma situação imaginária (Pasqualini e Lazaretti, 2022, p.63).[3]

Na sua capacidade de recombinação de conceitos as crianças a partir da mediação dos oficineiros puderem ampliar seus conhecimentos nas diversas áreas e divertir-se em seus momentos de férias escolares. As famílias, algumas acompanharam de perto as atividades, também encontraram no museu, um lugar de pouso e observação das atividades, ampliando seu olhar sobre o acervo e as salas expositivas.

Destacamos a importância da frequência das crianças no museu, da relação que elas estabeleceram com os brinquedos, com os materiais e com as pessoas ao longo da Maratona. Certamente, nem tudo no MESC está adequado para atender as necessidades das crianças pequenas, mas a convivência durante a maratona colocou um foco nas suas especificidades e possibilidades de avanços nessa relação, na adequação do espaço e na convivência com o burburinho das

[3] PASQUALINI, J. C. e LAZZARETTI, L. M. **Que educação infantil queremos?** Um manifesto em defesa da educação escolar para crianças pequenas. Bauru, S.P. Minerva Editora, 2022.

risadas, das palmas, da alegria contagiante que dessacraliza o museu.

Assim, finalizamos reascendendo a necessidade de pensar os museus para as crianças de todas as idades, assim como jovens, adultos e idosos, cada qual com sua experiência e sua forma peculiar de interação, um museu social, um museu para todos, um museu público e gratuito.

Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva
Diretora do MESC-UDESC

Museu é lugar de criança?

Keila Cristina Arruda Villamayor Gonzalez[1]

A proposta de realizar a primeira Maratona Artística Infanto Juvenil do Museu da Escola Catarinense MESC UDESC trouxe à tona questões sobre o lugar das crianças e sobre a finalidade de um museu.

Presenciamos em cinco semanas da Maratona, de segunda a sexta-feira, a participação de uma média de público que veio para a Maratona, entre crianças e familiares, com mais de novecentas pessoas. Pessoas que se declaravam moradores da região da grande Florianópolis e, muitas delas, nunca tinham entrado no Museu da Escola Catarinense MESC/UDESC. Ouvimos: "- Posso olhar lá em cima?" "- Posso entrar nessa sala?" "- É um prédio tão bonito, faz tempo que é um museu?" Essas foram perguntas frequentes por quem trazia as crianças e declarava que as mesmas ainda não conheciam o museu.

O Museu tem a função de comunicação, apresentando a história e cultura do material referente à escola de Santa Catarina, o "espaço físico de um museu deve ser o lócus para discussão e pesquisa da história da realidade educacional catarinense". (Vandresen, 1992).

[1] Coordenadora do Núcleo Educativo do Museu da Escola Catarinense da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Nesse sentido, consideramos que a finalidade de comunicação foi atingida pelo museu, que se apresenta também como um espaço educativo e de formação permanente, acolhendo o público da Maratona Artística.

A equipe do Museu da Escola Catarinense apostou em aproximar-se dos visitantes e interagir de alguma forma, apresentando o local, deixando as famílias que aguardavam as crianças durante a Maratona Artística à vontade para circular, conversar, participar e saber mais dos espaços do Museu da Escola, acreditando que as práticas educativas podem acontecer de variadas formas e serão sempre possibilidade de ampliar o conhecimento das pessoas sobre o patrimônio histórico.

O Museu da Escola Catarinense se mostra como espaço de diálogo, conhecimento, experiência, formação e patrimônio cultural. A arte se faz presente no museu como um modo de viver a experiência, corroborando com as palavras de Larrosa (2002, p.20) de que a "experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca". A experiência no museu se apresenta como parte da história, é mais "um modo de existência de um produto, do que a produção de objetos; é como uma atitude do que está a nossa volta, sendo reconhecida como um processo de experimentação social [...]" (Oliveira, 2022, p.19)

A primeira Maratona Artística Infanto Juvenil do Museu da Escola Catarinense MESC selecionou atividades artísticas e culturais, que atraiu um público de crianças e adolescentes

para o Museu da Escola Catarinense e que viveu a experiência de ocupar um espaço cultural que só faz sentido se reverberar na construção da história de vida das pessoas.

O museu precisa ser habitado, precisa dos olhos atentos e curiosos das crianças e dos adultos, se assim não ocorrer, de que adianta reunir a produção cultural se não existir diálogo e ampliação dos conhecimentos das pessoas da sociedade em geral?

Referências Bibliográficas

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. In: Revista Brasileira de Educação, n. 19, pp. 20-28, jan./abr. 2002.

OLIVEIRA, Camila. **Como começa um museu?** Práticas educativas e reflexos da interação entre museu e público. Curitiba, PR: Ed. Appris, 2022.

VANDRESEN, Maria da Graça. **Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense** – Museu da Escola Catarinense. Projeto de Criação do Museu da Escola Catarinense. UDESC/Florianópolis, 1992.

O MUSEU COMO TERRITÓRIO INSURGENTE DAS INFÂNCIAS

Priscila Costa Oliveira[1]

O Museu da Escola Catarinense (MESC-UDESC) habita um edifício neoclássico, erguido em 1926 para abrigar a Escola Normal Catarinense, um marco da educação pública em Florianópolis, ano em que começou a formar professoras e professores em Santa Catarina. Em 16 de novembro de 1992, este espaço foi reinventado como museu, com a idealização da professora Maria da Graça Vandresen. A partir de 2007, o MESC consolidou-se em sua sede histórica, integrando o Sistema Nacional de Museus e firmando seu compromisso de preservar e comunicar a cultura escolar catarinense.

Uma instituição de memória, comprometida com a documentação e compartilhamento das narrativas da educação formal. Mas, ao longo dos últimos anos, o MESC vem expandindo esses rumos ao se afirmar também como lugar para continuar a pensar a educação em seu contexto contemporâneo. As recentes ações educativas, mostram uma instituição que deseja, assim como vários museus pelo Brasil, estar cada vez mais próxima de sua comunidade. É nesse edifício histórico, feito para disciplinar corpos escolares, que a Maratona Artística Infantojuvenil atuou como dispositivo de

[1] Artista e Pesquisadora. Recebeu o Prêmio Arte Educação Maratona Artística do MESC pela renomada trajetória e atuação em processos de formação, desenvolvimento artístico e práticos de ensino das artes em Santa Catarina.

insurgência. Ao acolher as crianças no Museu da Escola Catarinese estamos pontuando o desejo de reimaginar o museu, não apenas como guardião de memórias estáticas, mas o pensando como espaço de uma infância ativa, potente e criadora.

As palavras de Françoise Vergès no livro "Decolonizar o museu: programa de desordem absoluta" nos convocam a repensar não apenas os objetos e narrativas abrigados por essas instituições, mas, sobretudo, quem tem o direito de habitá-las. A Maratona Artística Infanto Juvenil transformou o museu em um espaço vivo, pulsante e saltitante. As salas silenciosas foram ocupadas por risos, vozes, pulos, cambalhotas, traços, pés descalços, invenções e perguntas. As crianças criam e questionam, não estavam ali para aprender sobre arte, mas para fazer arte, e ao fazer, redesenham os contornos da instituição.

Os museus muitas vezes tratam os educativos como anexos de exposições, mas o MESC com uma nova perspectiva museal proposta pela diretora Maria Cristina da Rosa e a coordenadora do Núcleo Educativo Keila Villamayor mostram que não temos medo dos museus serem contaminados pela infância, colocando a ação artística e educativa em primeira camada sem hierarquias, fortalecendo ainda mais o contexto histórico do Museu da Escola Catarinense. No texto "A arte não tem medo da infância" Evandro Salles nos lembra que

> Se tomarmos a arte como um campo aberto de construção de linguagem, e se considerarmos que nas crianças o aparato da linguagem apresenta-se ainda em formação, também aberto e flexível, poderemos supor que nelas se dará a primazia do usufruto da arte: é na infância que a arte terá chances de operar de forma mais radical, como resposta à proposição de um outro. (SALLES, 2017, p. 5)

A maratona como uma atividade educativa, foi um ato político, que pode mexer com as estruturas institucionais, no sentido generoso e radical de repensar o museu contemporâneo que Vergès propõe. A ocupação do espaço museal pelas infâncias é uma ação insurgente. É declarar que a cultura não está pronta, que o saber não é vertical, que os museus precisam se colocar em movimento frente aos seus contextos.

A curadoria educativa em torno da maratona, produziu um emaranhado de práticas artísticas que se entrelaçaram ao cotidiano das crianças, trazendo ao museu, seus medos, desejos, jogos e ritmos próprios. Evocando o livro "O nome do medo", organizado por Lisette Lagnado em 2017, é possível dizer que esta maratona permitiu nomear e reinventar os medos que assombram nossos tempos: o medo da escuta, da liberdade criativa, da infância como força política. Ao invés de silenciá-las com didatismos, o museu abriu espaço para que crianças e suas famílias pudessem experienciar o museu como lugar de ser e estar. É só, mas é muito!

Referências Bibliográficas

SALLES, Evandro. **A arte não tem medo da infância**. 2017.

VERGÈS, Françoise. **Decolonizar o museu:** programa de desordem absoluta. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LAGNADO, Lisette (org.). **O nome do medo**. São Paulo: Sesc São Paulo, 2017.

Maratona Artística Infanto Juvenil MESC-UDESC: reflexão sobre a função social de um museu

Sofia Cavalheiro

Acostumado a receber um maior número de crianças durante o período letivo, onde se concentram os agendamentos de visitas escolares, o Museu da Escola Catarinense iniciou o ano de 2025 diferente do habitual. Dessa vez, a temporada das férias de verão foi aberta com a presença de muitas crianças, atraídas ao museu pela programação da Maratona Artística Infanto Juvenil MESC-UDESC que, de 13 de janeiro a 14 de fevereiro de 2025, promoveu um conjunto de oficinas e apresentações artísticas, envolvendo crianças e seus familiares que, em parte, conheceram o MESC pela primeira vez!

Nessas cinco semanas de intensas atividades, o museu esteve cheio de vida, e as crianças, como nem sempre notamos em instituições museais, pareciam muito à vontade, mesmo em um espaço que por vezes costuma ser intimidador. Dentre as peculiaridades das semanas da maratona, se tornou comum ver crianças andarem descalças pelo museu, tirando seus sapatos logo na entrada, quase como se estivessem chegando em casa. Contudo, o estar à vontade não significou descuido ou desrespeito com o acervo e regras do museu, tendo em vista que as crianças demonstravam compreensão sobre os cuidados necessários quando advertidas em relação aos limites que são

próprios de um prédio tombado e que preserva patrimônio histórico. Com isso, considerando o tema da preservação, é de se destacar o compromisso da instituição em resguardar e manter vivo não apenas o seu patrimônio material, mas também o seu propósito de consolidar-se como um espaço educativo não formal, como bem demarcou sua idealizadora, professora Maria da Graça Machado Vandresen, que na década de 1990, registrou esse objetivo nas páginas do projeto de pesquisa que deu origem a criação do MESC.

Dessa forma, a concretização da maratona artística promovida pela instituição, com atividades gratuitas realizadas por profissionais qualificados, não foi apenas um marco para a história do MESC e das ações de seu Núcleo Educativo, mas também um simbólico gesto de afirmação do seu compromisso com o propósito que deu origem a essa instituição. Além do mais, atividades educativas como essa, quando proporcionadas à comunidade, podem ser uma valiosa oportunidade de lembrar o papel das instituições públicas de trabalhar em prol da qualidade de vida da população, fazendo dessa também sua aliada e defensora.

Nesse sentido, aproximar os diversos públicos do MESC através de atividades que lhes permitam se sentirem pertencentes a esse museu, é um passo importante na direção do fortalecimento dessa instituição pública, para que seja não apenas visitada, mas também defendida, reconhecida e transformada por sua comunidade, lembrando as pessoas de que o valor dos museus não está meramente nos objetos que eles resguardam, mas naquilo que se pode fazer a partir deles e com seu público.

Arte e imaginação em trama: ensaio sobre as práticas de tecelagem e bordado com crianças

Emiliana Pagalday Fernández

A oficina de Artes Visuais durante a Maratona Infanto-Juvenil no MESC teve por foco a aprendizagem de técnicas têxteis desde uma abordagem artística, especificamente das técnicas de bordado e tecelagem.

Nas oficinas intituladas Arte e Imaginação em trama foi possível introduzir materiais que no senso comum nem sempre são reconhecidos como artísticos, mas que vêm ganhando destaque na arte contemporânea. Tecidos, fios de malha, linhas e agulhas tornam-se materiais e ferramentas de expressão, conectando saberes tradicionais e apresentando novas possibilidades estéticas.

Durante as primeiras semanas de encontros, as crianças produziram tecelagens utilizando a mistura de fios de distintas gramatura, desde fios de malha até linhas de bordado, o qual possibilitou uma diversidade de texturas, pensando a composição cromática e treinando a coordenação motora fina. Percebeu-se nesses encontros a diferença da prática entre as crianças de distintas idades, principalmente na questão do tempo de produção e na compreensão da dinâmica de alternar as linhas

da trama entre a urdidura, no entanto, vale destacar, que independente da idade a concentração e disposição para com a atividade foi significativa. Por ser um processo que requer de um tempo de produção maior que outras técnicas, muitas crianças pediram para levar a matriz e trechos de linhas para dar continuidade nas suas casas, o qual demonstra um envolvimento com o trabalho, tendo retornado nos próximos encontros com avanços no tecido e outros inclusive com a tecelagem finalizada e retirada da matriz de papel paraná com ajuda dos familiares.

As oficinas de Arte Têxtil iniciaram com a técnica da tecelagem como uma escolha deliberada, de forma a que as crianças compreendessem o procedimento pelo qual se produz uma trama do tecido, sendo um processo que remete a origem da humanidade, quando as pessoas se apropriaram das fibras naturais para transformá-la em objetos utilitários, desde a cestaria até as vestimentas. A evolução da técnica, dos materiais e das máquinas possibilitaram a automatização da produção têxtil, passando por séculos de desenvolvimento e aprimoração das máquinas, desde a criação dos fusos de fiar que elaboram a linha desde o material orgânico, como a exemplo do algodão e do tear de madeira manual, até às rodas de fiar movidos por um pedal e os teares mecânicos. Outras tantas invenções e inovações tecnológicas levaram a produção têxtil a escala industrial, assim como a produção e o uso de materiais sintéticos. Estas relações foram conversadas com as crianças durante as oficinas, para que estes compreendessem que a prática realizada por eles parte de um conhecimento ancestral e essencial para o desenvolvimento

da humanidade. Além do mais, é uma ferramenta expressiva na qual diversas comunidades trabalham desenhos característicos do seu povo, como no caso dos grafismos e inclusive nas comunidades de fiadoras que trabalham na produção e tingimento dos fios de forma artesanal com pigmentos naturais até os dias de hoje.

Algumas crianças manifestaram que conheciam a máquina de tear porque algum familiar tinha na sua casa, outras nunca tinham ouvido falar da técnica. Inclusive, uma delas comentou que achou difícil e preferia comprar as roupas prontas do que aprender a fazer tecidos -risos-, com um tempo de oficina compreendeu que a complexidade advém de iniciar uma prática nunca antes experimentada e que após algumas linhas na trama a ação é assimilada, facilitando o processo e permitindo a experimentação com outras linhas, texturas e cores.

A segunda metade do mês de oficinas foi dedicada à aprendizagem do bordado desde uma abordagem artística, como uma etapa no desenvolvimento humano em que o tecido além de utilitário passou a ser interferido com camadas de linhas e desenhos, principalmente com objetivo de distinção social, logo assimilado e praticado de forma popular.

Para estes encontros foi elaborado um mapa de pontos, com exemplos que poderiam ser escolhidos por cada criança para pôr em prática no seu bordado. Pensando distintos níveis de dificuldade de acordo a faixa etária das crianças, foram disponibilizados dois tipos de materiais: o tecido etamine, utilizando tradicionalmente para a produção de bordado e ponto

cruz, e o tecido talagarça, que apresenta uma trama maior e uma textura mais rígida, facilitando o manuseio do suporte pelas crianças menores ou de aquelas que nunca tinham experimentado a técnica. Nestes encontros foi apresentada a diferença entre o tamanho das agulhas, com e sem ponta, assim como relação entre a agulha e a linha adequada para cada tecido. Os trabalhos foram feitos com linha, lã e retalhos de tecido para quem quisesse incluir outras texturas e estampas no seu bordado.

A composição dos bordados foi desenvolvida pelas crianças, algumas elaborando desenhos figurativos e outras experimentando a técnica e combinando as cores e pontos de forma abstrata. De modo geral, a concentração, dedicação e esmero na produção foi surpreendente, algumas crianças tiveram a ousadia de praticar a escrita bordada e a inclusão de retalhos de tecidos, o qual requereu do uso de uma agulha menor e com ponta para costurar.

O objetivo destas oficinas foi introduzir a técnica do bordado e aprimorar a prática daquelas crianças que já tinham contato prévio com a técnica. Algumas crianças manifestaram que nunca tinham pego numa agulha anteriormente, o qual foi gratificante ao saber que tinha sido apresentada uma nova ferramenta criativa e integrada ao seu repertório, assim como outras ferramentas tradicionais como o pincel, o lápis, o giz de cera, entre outros.

A mediação se deu no sentido de refletir o fio como linha e os pontos como procedimentos para realizar o desenho. Houve

uma reflexão também a respeito da composição e a compreensão de que é uma técnica que nos permite voltar atrás e fazer de novo, desfazer e refazer sempre que não estivessem satisfeitos com a linha elaborada, o qual aconteceu com algumas crianças no processo. Algumas dificuldades apresentadas foram passar a linha pela agulha, o qual foi auxiliado pelas educadoras que acompanharam as oficinas, assim como fazer e desfazer os nós quando necessário. Os bordados resultantes foram dispostos em um tecido de algodão cru e pendurados no hall do Museu. A exposição dos trabalhos valorizou cada criação individual em um painel coletivo.

Tanto nas oficinas de tecelagem quanto nas de bordado foram propostas atividades coletivas, como a tecelagem em grupo a partir de uma urdidura grande de fio de malha, ou a proposta de trocar os bordados com os colegas para complementarem e interferirem um no trabalho do outro. Percebeu-se uma resistência dos grupos frente a estas actividades, querendo focar mais nos processos individuais, o qual pode que seja um reflexo das diferenças de idades entre as crianças ou na vontade de produzir uma obra que expressa sua identidade, na escolha da composição, dos pontos utilizados, nas cores escolhidas, e as texturas criadas. Essa interpretação de certa forma se afirmava cada vez que os responsáveis chegavam a procurá-los no museu e as crianças mostravam os resultados dos seus processos com muito orgulho de si, o qual foi sumamente satisfatório também para mim enquanto mediadora desses trabalhos, participando desse movimento de ampliação do repertório artístico e de valorização do trabalho manual. Para encerrar essa experiência artística, realizamos uma instalação coletiva com linhas no último

encontro. Esta foi uma atividade em conjunto que foi apreciada pelas crianças, as quais se envolveram e produziram uma instalação, pensando a linha enquanto materialidade física que pode ser utilizada para produzir um desenho no espaço.

No início da aula foram apresentadas imagens das obras de Chiharu Shiota, Edith Derdyk e trabalhos pessoais que pensam a linha como materialidade para produção de instalações interativas. A seguir, cada criança escolheu um objeto para delimitar uma área da sala que seria utilizada para a produção da instalação, como cadeiras, mesas e um novilho de lã. Esta instalação destacou o potencial do trabalho colaborativo, transformando o espaço em um grande emaranhado lúdico, entre cores e formas.

As oficinas de artes visuais, para além do aprendizado técnico, promoveram reflexões sobre a importância da produção têxtil na história da humanidade e na formação da identidade cultural de diferentes comunidades. Ao trabalhar com esses materiais, as crianças estabeleceram um diálogo entre tradição e inovação, descobrindo como o tecido pode contar histórias e transmitir emoções, abrindo caminhos para a experimentação e a expressão pessoal, reafirmando o poder da arte como ferramenta transformadora.

INTERESCOLAR: uma peça teatral sobre a escola no Museu da Escola Catarinense

Júlia Fernandes Lacerda[1]
Túlio Fernandes Silveira[2]

O que pode acontecer quando uma professora sonha alto demais? E quando um estudante embarca no sonho junto com ela?

- Eu sou Júlia Fernandes.
- Eu sou Túlio Fernandes.
- E nós, somos professoras/es de Teatro![3]

No ano de 2021 nos encontramos como professora da Educação Básica e estagiário do curso de Licenciatura em Teatro e começamos a sonhar e fazer escola juntos. Desde então, compartilhamos em nossas pesquisas como estudantes do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), orientados pela professora Dra. Heloise Vidor, o desejo de refletir sobre as inúmeras contradições da escola enfatizando-a como um espaço que precisa ser defendido e construído diariamente.

Acreditamos cada vez mais na importância de ações que mobilizem a escola e os sujeitos que a constituem. Provocados conceitualmente por pensadores e filósofos da educação como bell hooks, Paulo Freire, Jacques Rancière, Jan Masschelein e

[1] Professora de Arte e Teatro, atriz, pesquisadora e produtora cultural. Natural de Florianópolis/SC, é mãe do Igor. Doutora em Artes Cênicas (UDESC).
[2] Professor de Teatro, artista da cena, produtor cultural e diretor teatral. Doutorando em Artes Cênicas no (UDESC). Professor substituto do Colégio de Aplicação (UFSC).
[3] Trecho da dramaturgia do espetáculo Interescolar (2024).

Maarten Simons, passamos a compreender a escola como um lugar potencialmente revolucionário no sentido de que nos permite estar enquanto cidadãos em um patamar de igualdade, experimentando e construindo novas possibilidades de mundo, interagindo com nossos pares e reconhecendo as nossas diferenças. Enquanto artistas de teatro, percebemos a grande importância das artes dentro da escola. Interescolar surgiu do desejo de unir a pesquisa artística e teórica à nossa experiência como docentes nas salas de aula da educação básica e vice-e-versa.

Iniciamos em 2024 um processo de montagem teatral e criação de dramaturgia para o espetáculo por meio de dois editais públicos de financiamento: Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura 2023 - Montagem Teatral, e Lei Paulo Gustavo SC D+ - Experimentação Artística. Idealizamos, assim, o projeto que intitulamos **Ensaios com Escola**[4] que englobou a criação do espetáculo e contou com uma equipe de artistas e professores engajados no teatro e na educação, com vasto currículo no campo das artes[5].

O espetáculo foi construído por meio de oficinas ministradas em escolas públicas e improvisações em sala de ensaio, nas quais coletamos narrativas e memórias de estudantes, professoras, professores – além das nossas próprias, concebendo uma peça que teve por objetivo colocar a escola em si como tema central de forma ficcional, para ser apresentada em escolas. Interescolar evidencia uma escola da Terra com foco no futuro na qual uma professora de uma disciplina vista muitas vezes como irrelevante para a formação

[4] Para acompanhar os percursos do projeto, acessar o Instagram: @ensaios.com.escola

[5] Fizeram parte do processo de criação do espetáculo: Barbara Biscaro (atriz, cantora, doutora em Artes Cênicas), Heloisa Marina (Atriz, produtora cultural e professora universitária da área de Produção Cultural) e Débora Araújo (cantora e atriz catarinense), responsáveis pela

dos estudantes, sonha em ser astronauta. Seu desejo se conecta com as criações de um aluno que adora imaginar e inventar mundos, juntos eles desafiam a lógica, descobrindo um novo universo.

Em cena, partimos de brincadeiras musicais e sonoridades com duas escaletas, um jogo de mãos que lembra as brincadeiras e cantigas de infância nos corredores, recreios escolares, para entrar no imaginário infanto-juvenil de maneira leve e divertida.

Assim, transitamos por personagens como a professora Sônia sonhadora e o Diretor Irineu Irinei, das férias às tarefas e provas escolares, jogando com as diversas formas de ser e estar na escola. Até que, por um desejo muito íntimo feito às estrelas, a professora consegue congelar o tempo, chegar ao espaço e alcançar o seu sonho de ser astronauta. O aluno, sempre envolvido nas aulas de "Inversologia", consegue, a partir dos estudos, enxergar além do próprio conteúdo e embarca nessa viagem com ela para conhecer outros mundos.

A dramaturgia inédita e autoral, escrita junto ao dramaturgista Nicolas de Córdova Dorvalino, traz ainda elementos do teatro de formas animadas como uma criatura espacial que envolve o público na trama e o cachorro Linguiça, construído de lata e materiais recicláveis pelo estudante.

provocação artística da criação; o dramaturgista Nicolas de Córdova Dorvalino (dramaturgo, doutorando em Artes Cênicas e professor de teatro); assessoria em acessibilidade pela Laço Arte e Acessibilidade, especialmente Suzi Daiane (atriz, intérprete de Libras e pesquisadora de arte e acessibilidade), com interpretação de Libras na apresentação para o MESC por Joana Bruna Tiepo e Bruno Camargo (ambos com vasto currículo na área de acessibilidade em Libras); a arte gráfica de Igor de March (estudante, artista e designer gráfico), criação de cenografia por Arthur Furtado da Silva (arquiteto, cenógrafo) e Guilherme Rótulo (cenógrafo, ator, e cenotécnico responsável pela construção dos objetos de formas animadas). O figurino foi concebido por Priscila Fernandes (artista visual e circense) e executado por Ato Cênico Ateliê; a trilha sonora é composta por Fernando Caramori (músico e professor catarinense).

Nessa viagem interestelar/interescolar os dois, professora e aluno, compartilham sonhos e ideias, em uma ficção que pretende olhar de forma poética para escola, enfatizando a possibilidade de atingir universos possíveis através da sala de aula.

Apresentar a peça Interescolar no Museu da Escola Catarinense na primeira edição do evento Maratona Artística Infanto Juvenil MESC-UDESC após uma temporada de estreia por escolas em Santa Catarina, foi uma experiência muito significativa. Sabemos da importância Apresentar a peça Interescolar no Museu da Escola Catarinense na primeira edição do evento Maratona Artística Infanto Juvenil MESC-UDESC após uma temporada de estreia por escolas em Santa Catarina, foi uma experiência muito significativa. Sabemos da importância deste espaço como patrimônio histórico de Florianópolis por ser a primeira Faculdade de Educação do Brasil, origem da Universidade do Estado de Santa Catarina, na qual nós dois nos constituímos profissionalmente nos cursos de Licenciatura e posteriormente na Pós-Graduação. As salas repletas de mobílias escolares históricas, ferramentas educacionais de

outras épocas — que até parecem pertencer a mundos distantes — acrescentaram uma nova camada ao espetáculo. Era como se uma escola invertida no tempo estelar que é parte da ficção estivesse materializada ali, em meio às memórias do espaço físico do Museu, ressignificando a própria escola dentro desse lugar de memória e cultura.

Ocupar um espaço como este que, historicamente, conseguiu resistir ao sucateamento ao qual tantas instituições educacionais são submetidas, com apresentações e oficinas de diversas linguagens artísticas é uma iniciativa que evidencia a potência das artes e da educação como espaço de ação, reflexão e criação. Que possamos seguir acreditando e fomentando a possibilidade de criar outros mundos, invertendo a lógica, abrindo caminhos para imaginar, recriar e experimentar, assim como é ecoado na peça.

De um passo pra dentro
Tudo é mistério
Há um outro tempo
Suspenso, giro, inverso
No verso do passo
Fomos ver o que há
Há estrelas nas paredes
Escadas pra voar
Tem cor e poesia
Dois olhos a girar
Universo infinito
para desvendar
Dê um passo para dentro
para ver o que há[6]

[6] Canção do espetáculo Interescolar (2024) escrita e composta em parceria com a cantora e artista Débora Araújo.

EXPERIMENTOS CRIATIVOS EM ARTES CIRCENSES

Tomás Bueno [Tom Bueno]
Tuanny dos Santos [Tuka Santos]

A oficina “Imaginação - experimentos criativos em artes circenses”, ocorreu durante a Maratona Artística Infanto Juvenil do MESC-UDESC, entre os dias 14 de janeiro (terça) e 14 de fevereiro (sexta), com 2 encontros semanais com duração de 4h cada. Como local para a realização das atividades, foram utilizadas a sala de piso laminado, localizada nos fundos do MESC, e o saguão. Neste último, foram desenvolvidas práticas com a necessidade de um espaço mais amplo, como a experimentação de acessórios circenses (bolinhas de malabares e bambolês), bem como mostras esporádicas ao público presente (pais), como finalização de alguns encontros.

Partimos da inspiração nos estudos e métodos de desenvolvimento de Rudolf Laban e no projeto Pequenices (RS), trazendo para a criança o encontro entre o corpo e o chão, a coordenação para se relacionar com objetos criativos, com a coragem e a autonomia necessárias para executar movimentos performáticos; a cooperação para descobrir um equilíbrio em conjunto, aprimorando a consciência corporal, flexibilidade e força. Além disso, a proposta teve por objetivo estimular o potencial artístico criativo das crianças, individual e

coletivamente, abordando o circo de forma lúdica, explorando também, neste universo, a palhaçaria e customização de personagens. Além do circo, foram abordadas outras linguagens artísticas complementares, como: teatro, teatro de animação (objetos), dança e música.

Fomos muito surpreendidos ao longo da oficina. O interesse das crianças, desde cedo, nos chamou muita atenção, e o fruto disso, no nosso entendimento, está associado à natureza da linguagem - o circo - com que trabalhamos. O estímulo corporal, a ludicidade e a experimentação através de jogos foram elementos que fomentaram a criatividade e o espírito aventureiro das crianças no que diz respeito ao aprendizado, ou seja, nesse processo de descoberta de novas habilidades e conhecimentos proporcionados pela oficina.

É muito comum observarmos processos didáticos sobre circo que partem da ideia do desenvolvimento corporal, buscando-se a acrobacia como resultado. O nosso ponto de partida na oficina, contudo, foi um outro universo do circo: a palhaçaria. Somos palhaços, e diversas vezes concordamos, entre trocas de ideias, que o professor na educação infantil pode ser, também, uma espécie de palhaço. Através da palhaçaria, nos conectamos com nossas crianças interiores, e isso nos aproxima, por consequência, das crianças em uma experiência didática. Assim, o professor deixa de ocupar um papel sério, a “autoridade” em sala de aula, e passa a ser mais um amigo - o profe -, que orienta, guia, e auxilia para que o ambiente de aprendizado se estabeleça. Desse modo, exploramos muito a ludicidade e a possibilidade de aprender

brincando. Por isso, buscamos dar ênfase à palavra “Imaginação”, priorizando a liberdade de experimentação das crianças como um caminho para a consolidação de ideias concretas. Na prática de malabares, por exemplo, as bolinhas não foram dadas, prontas. Antes disso, era necessário construí-las, fazendo escolhas importantes e reflexivas como: o tamanho de cada bolinha (a quantidade de sementes), a resistência (a quantidade de revestimento - balões), e a estética (a cor desse revestimento). A partir disso, portanto, foi possível que as crianças criassem um vínculo maior com esse acessório circense, levando suas bolinhas para casa, com orgulho de terem sido construtoras das mesmas. Toda prática com essas bolinhas, posterior às suas criações, estava carregada de um sentimento quase maternal das crianças, uma vez que elas foram suas geradoras, e com certeza esse aspecto emocional fez diferença positiva no processo experimental que elas tiveram com o malabarismo.

No universo das artes circenses há também muita cor, formas, texturas, personagens, e a criatividade das crianças, mais uma vez, nos inspirou em outro encontro, cujo tema era “a criação do seu palhaço”. Com algumas dicas e experimentos, como o jogo dos elementos da natureza, elas puderam vivenciar e se transformar naquilo que sua imaginação foi capaz: palhaços felizes, com energia mais do vento, do fogo, raivosos, delicados, brincalhões, exagerados em cores e formas, ou simplesmente um palhaço fofinho com nariz azul e glitter. Vimos nascer “Doguinho”, “Jubiscleudo”, “Flora”, “Rabugento” e tantos outros. Percebemos com essa experimentação o quanto pintar a cara, se adornar, colocar um figurino, figurinar e criar signos e simbolismos é algo ancestral e cheio de potencial humano.

Era natural para as crianças mudarem seu cabelo, vestirem peças de roupas sem formalidade, sem se preocuparem com o gênero, apenas sendo e fazendo sentido vestir ou pintar os seus personagens. Sorrisos e memórias marcaram esse dia, e em todos os demais encontros elas nos perguntavam quando iríamos maquiar nossos palhaços novamente.

Um outro ponto interessante e válido de ser compartilhado nesse relato, é que a escolha pelo caminho do "brincar" também traz, inúmeras vezes, o desafio de expressar, junto às crianças, a diferenciação entre as atividades propostas e uma experiência unicamente recreacional. No nosso ponto de vista, não havia nenhum problema em vivenciar uma aula nesse universo da recreação. Pelo contrário, uma vez que esse é um espaço também com enorme potencial de aprendizado. É muito claro, para nós, que a criança está sempre buscando a sensação da brincadeira e da diversão. O desafio, contudo, está em conectar e manter essas sensações com a proposta da oficina, que é uma oficina de circo, sem que esses impulsos e a liberdade criativa das crianças as levem para outros caminhos, desconectados do nosso planejamento. Um exemplo: às vezes, um jogo proposto pode trazer uma sensação de euforia e animação capaz de fazer com que uma criança se lembre da brincadeira de "pega-pega", mas esta brincadeira não necessariamente contribuirá no desenvolvimento do encontro e da oficina, então o desafio residirá na mediação desses impulsos, sem que as crianças sintam-se repreendidas ou limitadas. Fomos muito felizes na oficina. Conhecemos e nos apaixonamos por algumas crianças. Nos impressionamos, também, com a criatividade e o comportamento de muitas delas. Pequenos arteiros, com potencial de grandes artistas.

Reflexões sobre a oficina de iniciação teatral com crianças

Isabeli Carmo

A oficina de Iniciação teatral para crianças de 08 a 12 anos esteve presente na 1ª Maratona Artística Infanto Juvenil. A oficina aconteceu do dia 13 de janeiro a 12 de fevereiro de 2025, durante todas as segundas e quartas no Museu da Escola Catarinense - MESC/UDESC.

O conteúdo da oficina se baseou em jogos de iniciação teatral, brincadeiras tradicionais e improvisação, com práticas de corpo e de voz, usando como uma das referências as fichas de Viola Spolin. A proposta trouxe a relevância da arte e do teatro, promovendo a apreciação desses campos. Além de focar em estimular a ludicidade, fomentar a criatividade, o autoconhecimento e o senso de coletividade.

As oficinas eram ofertadas de forma gratuita e todos os encontros eram iniciados e finalizados no mesmo dia, ou seja, eles não possuíam uma sequência, o que facilitou a presença das crianças na oficina.

Os jogos e exercícios teatrais que foram propostos nas oficinas auxiliaram a exercitar a criatividade, estimulando a refletir sobre

um determinado assunto e a produzir uma nova perspectiva, abrindo caminhos para um novo ou outro ponto de vista, além da cumplicidade que o teatro proporciona dentro de um grupo facilitando no envolvimento da criança na aprendizagem, socialização e autoconhecimento.

Durante os encontros alguns rostos foram se tornando familiares, a maioria das crianças acompanharam os encontros, as crianças que recém chegavam eram acolhidas pelas demais. Foi interessante perceber essa receptividade das crianças e o acolhimento que foi sendo criado fazendo com que o ambiente das oficinas fosse aconchegante.

A oficina sempre seguiu a mesma estrutura e foi separada por momentos, sendo eles: 1º momento onde sempre fazíamos um círculo, cada um se apresentava, falávamos sobre os conhecimentos gerais do grupo sobre teatro e fazíamos um combinado sobre se escutar, tentar falar um de cada vez para que todos se entendessem; 2o momento com exercícios de aquecimento corporal e vocal, para que as crianças presentes na oficina se preparasse para os próximos exercícios e brincadeiras; 3o momento onde aconteciam brincadeiras tradicionais e jogos de improvisação teatral e por fim o 4o momento no qual realizei sempre uma conversa, incentivando as crianças a falarem sobre como foi fazer a aula, perguntando quais os pontos que mais chamou a atenção e por quê.

Relato aqui alguns dos acontecimentos que marcaram essa vivência dando oficinas para crianças na Maratona. Em um

exercício de palco e plateia, que consiste em um grupo de pessoas que assiste e outro grupo está em cena, uma dupla que estava em cena teve uma crise de riso, então eles não conseguiram seguir a lógica do exercício proposto por causa dos risos. Logo em seguida, fiz uma roda de conversa e busquei entender o porquê daquelas risadas. Uma das crianças comentou que não sabia o porquê de estar rindo, perguntei se foi de nervosismo e ela disse: "*não, não foi nervoso, foi como se fosse ansiedade*" e continuou: "*Prof, eu entendi porque eu ri muito! Essa semana eu tive várias gotinhas de ansiedade pingando dentro de mim e fazer essa cena foi como um trampolim pra fazer minha ansiedade sair de mim em forma de riso, então foi por isso que eu não conseguia parar de rir, eu estava ansioso*". Junto com os colegas, fomos conversando sobre como isso pode acontecer até mesmo com atores profissionais, é normal ficar nervoso ou ansioso com uma cena.

No final deste dia, perguntando qual foi o momento que as crianças mais gostaram da aula essa mesma criança diz que foi o momento que ela pensou sobre suas emoções e que aprendeu a olhar para elas, o que mostra como essa relação com o teatro, exercícios de improvisação e cenas de palco e plateia, também são capazes de nos fazer refletir sobre nós mesmos e sobre nossas emoções.

Outro acontecimento que me chamou a atenção foi de uma criança que estava com muita timidez, ficou com vergonha de fazer alguns exercícios propostos, então sugeri que ela assistisse os colegas. No decorrer do exercício fui adicionando a sua participação como espectadora e trazendo relevância para esse

papel. No início do jogo ela estava querendo se esconder embaixo de mesas que tinham na sala e no final ela estava sentada em uma das cadeiras falando sobre o exercício. Assistir e comentar sobre a cena/exercício também faz parte do teatro, percebi que essa criança fez o jogo da maneira dela e foi encantador a forma como aos poucos ela foi deixando a timidez de lado e entrando na roda junto com os outros colegas. Também, não posso esquecer o dia que uma criança perguntou quais exercícios teriam naquele encontro e se ela poderia propor dois exercícios. Perguntei se ela poderia explicar para mim e para os colegas quais jogos ela gostaria de trazer, então ela propôs e explicou os jogos, a turma então escolheu um deles e assim foi feito. Ela propôs um jogo, explicou para os colegas e jogamos. Tentei me manter no lugar de aprendiz, deixei que as crianças se organizassem nas regras do jogo e me coloquei como jogadora também. Crianças são seres que merecem esse lugar de acolhimento, respeito e protagonismo. Confiar nelas foi essencial para que essa troca acontecesse.

Fazer parte da 1ª Maratona Artística Infanto Juvenil MESC/UDESC foi uma experiência enriquecedora, cheia de aprendizados, risadas e, como já comentado, de muita troca. Através dos jogos teatrais e exercícios de improvisação, as crianças foram encorajadas a exercitar sua criatividade, construindo a partir de suas próprias referências. Isso as ajuda a perceberem-se como indivíduos capazes de criar autonomamente. Tenho como desejo que a minha oficina tenha auxiliado as crianças a adentrarem no mundo do teatro e que também tenham se sentido potentes como agentes criadores de arte.

Semiótica, Coletividade e Criatividade: breve análise de como as crianças transformam sentimentos em símbolos visuais

Hugo Horácio Duarte

A infância é um período de intensa experimentação e descoberta, no qual as crianças aprendem a interpretar o mundo por meio de signos, símbolos e narrativas visuais. A semiótica, ciência que estuda os sistemas de significação, é uma ferramenta valiosa para entender como esse processo acontece. Quando aplicada à educação infantil, especialmente no ensino de cultura e ancestralidade, a semiótica possibilita que os estudantes não apenas reproduzam imagens, mas construam seus próprios significados a partir da interação com o mundo ao seu redor.

Neste estudo de caso, irá se analisar a experiência da oficina "Tecidos Coletivos: Carimbos Adinkras", na qual crianças foram convidadas a criar símbolos inspirados em sentimentos e valores, usando os Adinkras como referência. Esse processo reforça o conceito de kujichagulia (autodeterminação), essencial na ancestralidade africana, garantindo que as crianças se tornem protagonistas de sua própria expressão visual.

Saussure argumenta que um signo é formado por duas partes inseparáveis: a forma visual (o desenho) e o conceito associado (a ideia que ele representa). Já Peirce, através da lógica filosófica,

cria uma rota do símbolo até como opera o próprio pensamento. Em um contexto infantil, essas ideias são fundamentais para entender como as crianças criam significados, já que, dependendo da idade e do repertório simbólico, elas tendem a se apoiar em imagens já conhecidas ou buscar novas maneiras de expressar um conceito.

No contexto da oficina, a introdução dos símbolos Adinkras possibilitou que as crianças percebessem como um simples desenho pode conter camadas de significado. A metodologia da oficina foi estruturada para que as crianças não apenas conhecessem os símbolos Adinkras, mas também criassem suas próprias representações gráficas, estabelecendo conexões subjetivas entre imagem e conceito.

O processo começou com jogos interativos, como jogo do bate e da memória, para introduzir o significado dos símbolos e seus desenhos. Em seguida, com a frase-tema do dia, cada criança começou a fazer rascunhos de ideias e depois escolheram uma para virar carimbo. A base da monotipia foi EVA, as crianças passaram o símbolo para ele e depois recortaram, logo em seguida passaram tinta e carimbaram o tecido.

Segundo Lowenfeld, o desenho infantil passa por diferentes fases: garatujas (até 3 anos), pré-esquemática (até 4 anos) e esquemática (a partir dos 5 anos). Apenas na fase esquemática as crianças começam a buscar maior fidelidade na representação do que veem, baseando-se em referências visuais.

No tecido com a frase-tema "A amizade é um laço que nos conecta", a maioria dos participantes tinha menos de cinco anos, o que resultou em símbolos predominantemente abstratos ou literais. Um exemplo disso é a representação do conceito de "laço" por meio da imagem de um laço de presente, um símbolo amplamente reconhecido.

Já algumas crianças mais velhas exploraram caminhos mais simbólicos e subjetivos. Um dos destaques foi um símbolo criado por uma criança negra, no qual se percebe uma forte influência dos Adinkras, especialmente aqueles com composições mais abstratas. O desenho lembra ondas circulares que se formam quando uma pedra toca a água, sugerindo a ideia de conexão e expansão – um paralelo visual interessante para a construção da amizade.

Em frases mais concretas, como "A coragem mora no coração", as crianças recorreram a símbolos já estabelecidos culturalmente. A maioria das representações continha corações, isso mostra que, quando um símbolo já está consolidado no imaginário coletivo, as crianças tendem a reproduzi-lo sem se questionar muito.

No entanto, algumas crianças criaram associações mais subjetivas. Um dos exemplos mais marcantes foi o olho com a íris em forma de coração, que sugere uma ligação entre a coragem e a forma como enxergamos o mundo. Outro símbolo inovador foi um coração com a letra "T" no meio, que pode ser interpretado como a relação entre moradia e segurança emocional, elementos fundamentais para o desenvolvimento da coragem.

Esse fenômeno mostra que, mesmo quando utilizam símbolos amplamente reconhecidos, as crianças ainda conseguem criar novos significados dentro deles. O mesmo ocorreu no tecido "A esperança nos guia", onde foram criadas estrelas desconstruídas e formas que lembram brilho e movimento. Uma das imagens mais marcantes foi a de um boneco apontando para o céu, sugerindo uma interpretação existencial sobre como a esperança impulsiona a busca por algo maior. Neste mesmo tecido teve um símbolo que representa uma árvore com um coração no centro e folhas ao redor, sugerindo a conexão entre esperança e a vida natural. Mesmo sem um tema específico sobre a natureza, os símbolos Adinkras, que frequentemente fazem referência ao meio ambiente, influenciaram as criações das crianças. No tecido "O amor transforma tudo", uma das interpretações mais interessantes foi um símbolo quase ilustrativo, onde um coração aparece entre coqueiros e um rio, evocando a relação entre amor, transformação e respeito à natureza.

Esta breve análise dos tecidos criados na oficina mostra que, ao trabalhar com símbolos, as crianças transitam entre a reprodução de ícones culturais estabelecidos e a criação de novas formas de expressão visual. Algumas buscam segurança em imagens conhecidas, enquanto outras exploram novos caminhos gráficos, especialmente quando os conceitos apresentados exigem um pensamento mais abstrato. A partir dos conceitos de Saussure e Peirce, é possível perceber que as crianças desenvolvem seu repertório simbólico passando por três principais processos:

• Reprodução de símbolos estabelecidos, como o coração para o amor.
• Combinação de elementos conhecidos, criando novas associações, como o olho com íris de coração.
• Criação de formas abstratas de forma consciente, como as ondas para simbolizar amizade.

Para educadores, compreender esse mecanismo pode ser essencial para planejar atividades que estimulem a criatividade, a autonomia na construção simbólica e a valorização da diversidade cultural. Além disso, ao introduzir referências visuais afro-brasileiras, como os símbolos Adinkras, foi possível observar um impacto significativo na forma como as crianças passaram a interpretar e representar os temas propostos.

A experiência da oficina revelou impactos significativos na formação das crianças. Primeiramente, o exercício de transformar sentimentos em símbolos ajudou a desenvolver a consciência emocional e a capacidade de abstração visual. Ao criar um signo próprio, as crianças foram levadas a refletir sobre como expressar ideias complexas de maneira sintética e simbólica. E tem como observar essa entrega ao trabalho com os pedidos que fizeram ao final da oficina: se podiam levar o molde do carimbo pra casa e até mesmo os rascunhos! Mesmo não tendo sido planejado, obviamente, foi deixado elas levarem. Além disso, o trabalho coletivo fortaleceu habilidades sociais essenciais, como empatia, cooperação e escuta ativa. O fato de suas criações individuais fazerem parte de um grande tecido coletivo reforçou o senso de pertencimento e identidade. Para crianças negras, especialmente, o contato com os Adinkras possibilitou uma valorização de sua

ancestralidade, trazendo um resgate cultural importante desde a infância.

Referências Bibliográficas

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** 18. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e filosofia do signo**. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

HALL

ESPAÇO BRINCANTE

MARATONA
ARTÍSTICA

MARATONA
ARTÍSTICA

MARATONA
ARTÍSTICA

MARATONA
ARTÍSTICA

MARATONA
ARTÍSTICA
INFANTOJUVENIL MESC-UDESC

RATONA
ÍSTICA
IL MESC-UDESC

MARATONA
ARTÍSTICA
INFANTOJUVENIL MESC-UDESC

MARATONA
ARTÍSTICA
INFANTOJUVENIL MESC-UDESC

MARATONA
ARTÍSTICA
INFANTOJUVENIL MESC-UDESC

MARATONA
ARTÍSTICA
INFANTOJUVENIL MESC-UDESC

MARATONA
ARTÍSTICA

MARATONA
ARTÍSTICA

MARATONA
ARTÍSTICA

MARATONA
ARTÍSTICA
INFANTOJUVENIL MESC-UDESC

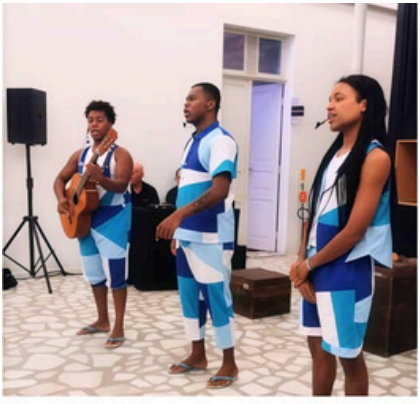
Espetáculo

PERCURSOS: O ÚLTIMO VOO DE UM MENINO

POEIRA GRUPO DE TEATRO

A peça conta a história de um menino negro. Menino sem nome da Silva, filho da sua mãe sem nome da Silva e do seu pai... seu pai? Parece que ele só é filho da sua mãe mesmo. Esse menino tem um segredo: uma pipa mágica, que o leva para conhecer os morros de Florianópolis! Porém, quando precisa ir caminhando até o morro de sua avó, ele se depara com situações que o fazem refletir sobre o seu lugar nessa cidade. "Percursos: o último voo de um menino" é uma celebração à periferia de Florianópolis e a todas as favelas do Brasil!

Formado pelos artistas Luan Renato Telles, Thais Lima, Natan Severino e Gabriel Rosa, Poeira Grupo de Teatro é um coletivo de Teatro Negro sediado em Florianópolis (SC) que pesquisa o registro de narrativas negras do Sul do país através da cena.

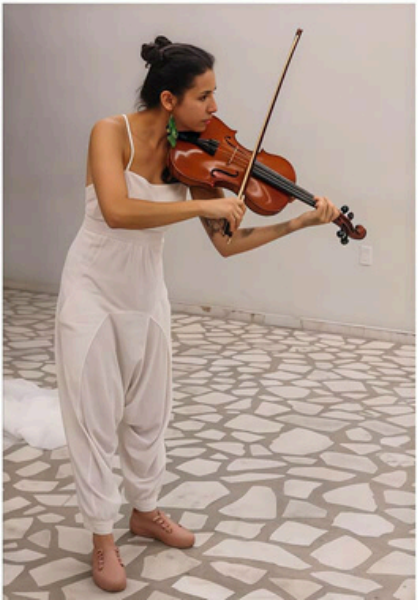


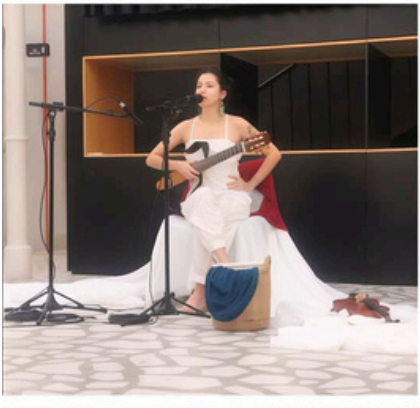
CONCERTO SHOW: CADÊ MINHA CRIANÇA EM MIM?

BRUNA HEDLER

Cadê minha criança em mim? é um concerto-show concebido pela musicista e educadora Bruna Hedler, que propõe um encontro entre arte, infância e escuta. A apresentação convidou o público a participar ativamente por meio de brincadeiras sonoras, improvisações e canções autorais que dialogam com a obra de Villa-Lobos e Manuel Bandeira. No palco, a música se fez com as crianças, e não apenas para elas. Com forte caráter colaborativo, o espetáculo transforma o espaço cênico em território de criação coletiva, onde os adultos também são convocados a encontrarem suas crianças internas, Bruna apresenta a infância como potência poética e crítica.

Bruna Hedler é musicista, professora, compositora e pesquisadora de sons. Mestranda em Educação Musical pelo programa ProfArtes, UDESC. Professora de Artes/Música na Rede Pública, professora de canto, produtora cultural, musicista e compositora. Lançou seu primeiro álbum “As Cores Sonoras”, em 2022. Atua ainda como formadora nas áreas de Educação e Arte, sendo co-autora do documento Projeto Musicalização Infantil de Timbó.





INTERESCOLAR

JÚLIA FERNANDES LACERDA E TÚLIO FERNANDES SILVEIRA

O espetáculo Interescolar apresenta uma professora com um sonho inusitado: tornar-se astronauta. Ao lado de um estudante criativo, ela embarca em uma jornada que busca ressignificar a sala de aula. Criado a partir de memórias e relatos escolares coletados em oficinas, Interescolar combina teatro e pedagogia para propor um olhar poético sobre a escola. Com dramaturgia colaborativa e uma equipe experiente nas artes e no ensino, a peça reflete sobre o papel da escola como um lugar de possibilidades infinitas.

Idealizado pelos artistas e educadores Júlia Fernandes Lacerda e Túlio Fernandes Silveira, o espetáculo integra o projeto Ensaios com Escola.

Oficina

INICIAÇÃO TEATRAL PARA CRIANÇAS

ISABELI DO CARMO

A oficina de iniciação teatral para crianças de 8 a 12 anos foi conduzida pela professora e atriz Isabeli Carmo. A proposta explorou jogos teatrais e improvisação baseados em técnicas de Viola Spolin, integrando práticas de corpo e voz para estimular a ludicidade, criatividade e senso de coletividade. Além de ampliar referências culturais e expressivas, as atividades promoveram o autoconhecimento, a socialização e a valorização da arte, incentivando as crianças a criarem autonomamente e a trabalharem colaborativamente.

***Isabeli do Carmo** é atriz, professora de teatro, maquiadora, diretora, produtora e pesquisadora. Têm 13 anos de experiência na área artística. Graduada no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); Integrante do Grupo de Estudos sobre Teatro e Infâncias(GETIs/CNPq); Integrante da Cia. Tal de teatro.*

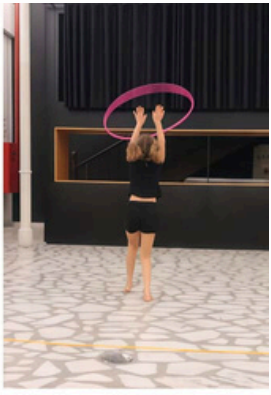
Oficina

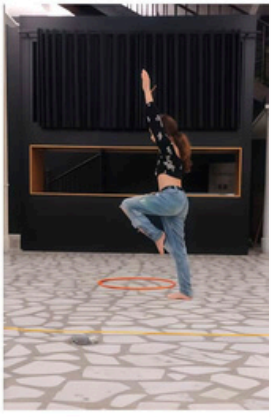
IMAGINAÇÃO: EXPERIMENTOS CRIATIVOS EM ARTES CIRCENSES

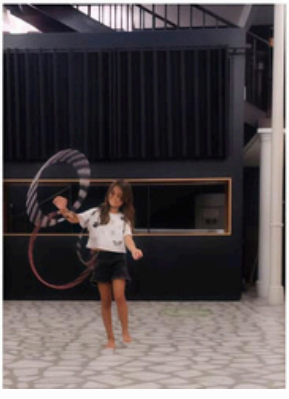
TOMÁS BUENO E TUKA SANTOS

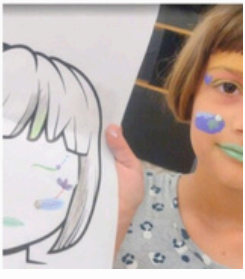
A oficina Imaginação – Experimentos Criativos em Artes Circenses combinou circo, teatro, dança e música, a proposta explorou o corpo, a ludicidade e a palhaçaria como caminhos para o autoconhecimento e a criação coletiva. As crianças experimentaram malabares, criaram seus próprios personagens e figurinos, e vivenciaram o brincar como linguagem artística. Com afeto, humor e autonomia, construíram vínculos com os objetos e processos. Pequenos artistas se revelaram entre sorrisos e improvisos.

***Tom Bueno e Tuka Santos** integram o coletivo de teatro Barbotinas e a companhia de circo Lona Azul, levando sua criatividade e talento para Santa Catarina e Rio Grande do Sul desde 2016. Eles também são responsáveis pelo projeto "UtenCircus", que mistura circo e teatro de animação.*









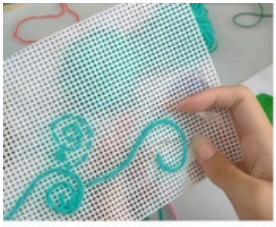
Oficina

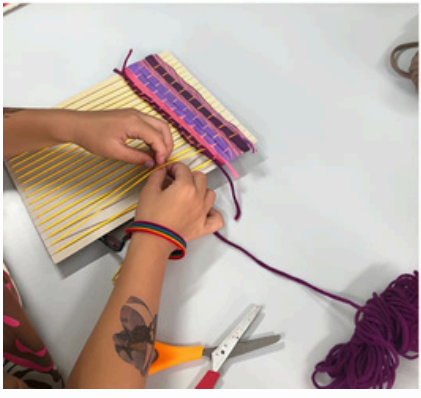
ARTE E IMAGINAÇÃO EM TRAMA: TECELAGEM E BORDADO

EMILIANA PAGALDAY FERNÁNDEZ

Na oficina Arte e Imaginação em Trama, aprendemos técnicas têxteis como a tecelagem e o bordado, utilizando diversos materiais e projetando de forma coletiva uma instalação com as produções resultantes desses encontros. A proposta incentivou a experimentação com materiais nem sempre reconhecidos como artísticos, mas cada vez mais presentes na arte contemporânea, fundamentais para o desenvolvimento humano e a formação das identidades culturais de distintas localidades. Foram introduzidas técnicas de tecelagem e bordado artístico.

***Emiliana Pagalday Fernández** é artista, educadora e pesquisadora uruguaia radicada no Brasil desde 2015. Mestre em Artes Visuais pela UDESC (2024), Emiliana se destaca por sua investigação em torno das técnicas têxteis e da reutilização de materiais, com foco em processos tridimensionais, questões ambientais e saberes populares.*





PARCE
Colombia

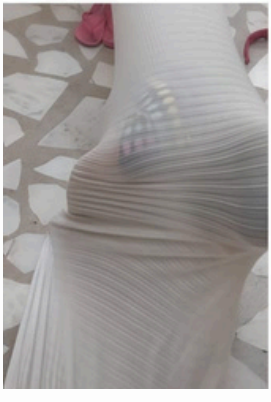
Oficina

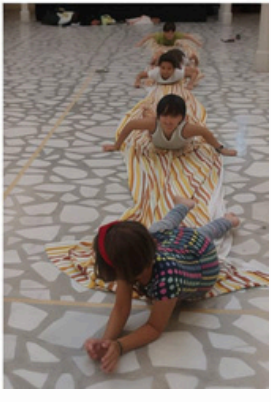
TRAMA: BRINCADEIRAS COM DANÇA, TECIDOS E SUSTENTABILIDADE

ADRIANA BARRETO

Trama foi uma oficina transdisciplinar que envolveu uma conexão entre dança, artes visuais e teatro — especia lmente figurino e cenografia. Durante 5 semanas se construiu uma experiência variável e aberta que foi se costurando a partir da interação entre o corpo em movimento, o espaço do museu e os tecidos, (todos provenientes de resíduos da cadeia têxtil), como antigos figurinos, roupas usadas, tecidos em pequenas e grandes dimensões, fios e outros materiais que, além de suporte criativo, provocaram sensibilizações e discussões sobre sustentabilidade, consumo e criação. Crianças de diferentes faixas etárias experimentaram a criatividade e a imaginação por meio de brincadeiras, jogos, propostas de improvisação e composição, criação de personagens e invenção de espaços compartilhados. A oficina aconteceu tanto em uma sala como no hall do museu e muitas vezes se extendeu para as salas, corredores e exposições. As experimentações no espaço e com os materiais estimularam a percepção, a consciência e a expressão corporal, além de fortalecer os laços de de amizade e a cooperação que foram se estabelecendo no decorrer dos dias.

***Adriana Barreto** é figurinista e artista visual com foco experiência em performance, projetos colaborativos e relacionais e atualmente em projetos transdisciplinares que unem arte e sustentabilidade.*





Oficina

TECIDOS COLETIVOS (CARIMBOS ADINKRAS)

HUGO HORÁCIO

A oficina "Tecidos Coletivos [Carimbos Adinkras]" convidou crianças a uma reconexão com a ancestralidade africana e afro-brasileira. Por meio da criação de símbolos Adinkra, inspirados em frases e sentimentos, os participantes desenvolveram carimbos personalizados para estampar um grande tecido coletivo de algodão. Resgatando a prática ancestral de celebração comunitária, a união e o respeito pela diversidade. A oficina se propos inclusiva, com jogos lúdicos como o jogo da memória tátil, garantindo que todos pudessem participar. O resultado final foi um tecido estampado com a história e a criatividade de cada participante, exibido no hall de entrada do MESC, celebrando o poder da criação coletiva e a cultural dos símbolos Adinkra.

***Hugo Horácio** é designer e multiartista que explora a criatividade como prática transdisciplinar. Foi ganhador do Prêmio Bom Design 2020 na categoria acadêmica; Ganhou o Prêmio Brasileiro de Design 2024 na categoria editorial; Foi escolhido para a galeria da edição #71 da revista Zupi; É um dos artistas presentes na exposição "Constituinte do Brasil Possível" no Centro Cultural dos Correios no RJ. Atualmente, se especializa em CGI através de cursos patrocinados pelo Carreiras em Movimento do Instituto Baobá e busca espalhar seus conhecimentos através de oficinas, principalmente para pessoas periféricas como ele.*

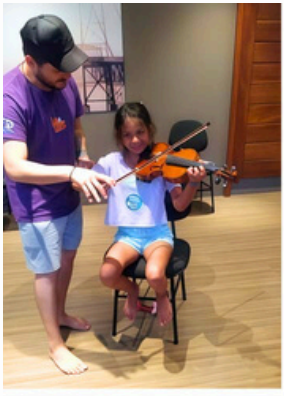
Oficina

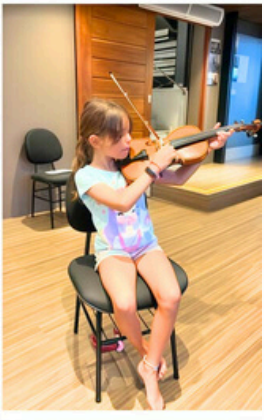
ECOS DA ILHA: REMONTANDO A HISTÓRIA MUSICAL DE FLORIANÓPOLIS EM UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL

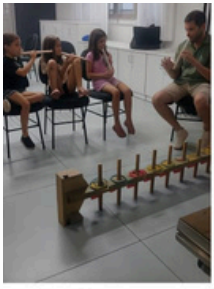
JÚLIO ROLDÃO

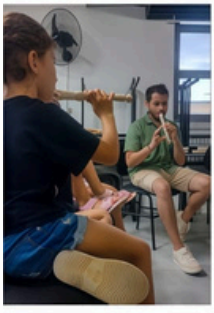
O projeto, voltado para crianças de 6 a 12 anos, teve como objetivo proporcionar uma imersão divertida e educativa nos ritmos e manifestações musicais presentes na Grande Florianópolis. Através de vivências coletivas, as crianças exploraram a sonoridade e a diversidade de instrumentos como pandeiro, atabaque, caxixis, ganzás, entre outros.

O foco foi estimular a participação ativa, o trabalho em equipe e a expressão criativa, permitindo que as crianças se conectassem com a cultura local de maneira lúdica e envolvente. Além disso, a oficina buscou desenvolver a percepção, a criatividade e a comunicação dos participantes.



SAÍDA






DO
RE
MI

UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA

MUSEU DA ESCOLA
CATARINENSE
MESC · UDESC